



Uma Pequena Blooper de Cinema

Anna Bianchi Marques

O que é isso? Frango?

Rafael Sardá

Aí Anna Bianchi, para de se drogar

Junior

Linda, meu xuxuzinho!

Bernardo Castello

Uma transcendência incrível da arte

Charles, o gato preto e branco

Sumário

Bandeira Branca.....	1
Soldado Desertor.....	5
Vinho Branco Seco Suave.....	7
ESCURO-ESCURO.....	9
Tem que ser bom, garoto.....	11
O tempo no elevador.....	14
Fantasiando.....	19
Janela Indiscreta.....	23
Márcio.....	25
Roteiro: Aliens ou travessuras?.....	27

Apresentação

Corta!
Ficou ruim, faz outro take
Ah? Me poupe, ator é marionete. Eles aguentam mais um.
Câmera foi?
Som foi?
Opa, cadê meu bolinho?
E aquela menina estranha não fazendo nada?
É de enfeite?
Vem cá menina!
Você tá estragando a cena
Tem gente que insiste, ein...
Desiste do cinema
Vai lá ficar lá fora, Anna
Escreve teus textinhos minguados
Isso, isso, escreve um livrinho e vê se não atrapalha.

Primeira edição 2015

Bandeira Branca

O frio de inverno congelava a ponta do meu nariz e os dedos dos meus pés. Encarava a televisão desligada pensando nela e seu narizinho gelado no meu. Erámos algo, agora nada. Pedacos de papel rasgados entre os dedos pálidos das minhas mãos. Eles eram a gente, agora nada.

Ligo a televisão e estendo minhas pernas sobre o móvel. Está começando Guerra nas Estrelas com aquela cena de abertura repleta de astros. Levanto deixando o aparelho ligado atrás de mim. Caminho até nossa geladeira azul. Agora é só minha e dentro dela não tem praticamente nada. Leite, água e beterrabas. Você dizia que beterrabas eram místicas e curavam várias doenças. Encheu a geladeira delas e eu achei que era caô e nunca comi nenhuma. Estou morrendo, mas duvido que seja por não ter te ouvido. Você não me ouviu, você desistiu de tudo e se casou com ele.

Volto para a sala. Naves perseguindo naves entre planetas no espaço. Passo reto pela televisão e abro a janela. O vento frio inunda meus pulmões fracos. A Lua ofusca meus olhos.

Eu me lembro de assistir ao homem pisando na Lua quando pequena. A bandeira americana balançava orgulhosa da conquista. Você foi minha maior conquista.

No dia em que nos conhecemos estouraram fogos tão altos quanto a nave que me levou até os teus olhos. Fiquei sem ar instantaneamente e arfamos juntas deitadas naquela cama de motel.

Passamos oxigênio uma para outra na viagem que fazíamos por nossos corpos. Cheirávamos a suor e maconha. Suspiros. Ofego no seu cabelo ondulado. Inspiro.

Neil Armstrong pousou nos buracos de queijo da lua enquanto eu pousei meus lábios nos teus e colonizei suas pintas. Ele pôde contemplar por instantes o céu estrelado de verdade. Por uma fração tão pequena de sua vida presenciou o momento mais deslumbrante imaginável. Como ele retornou? Eu me perdi completamente em você. Eu não consigo voltar. Tentei fincar uma bandeira no seu coração mas falhei. Eu não valia o esforço da sua luta pela aceitação, pela minha vida frágil que desmoronava a cada febre.

Impaciente me levanto e vou até o quarto. Jeans. Calças. Camisas. Meus. Seus. Amarrados. Por todos os cantos do quarto.

No criado mudo seus relógio de pulso faz *Tic-tock*. Me lembro da sua tatuagem com símbolos de letras em japonês no seu punho que tanta se arrependia por ter feito.

Acendo um cigarro.

Desligo as luzes.

O telefone toca.

Me arrasto até ele e atendo. Envolver meus dedos nos espirais de sua cordinha.

– Alô?

– Ei, gata lipada, tô pagando um sapo aqui pra você já faz horas.

Desce desse apartamento moça e vamos estripar essa noite

Sorri. Cláudio. Conseguia sentir as covinhas dele empurrando suas bochechas gordinhas no seus óculos escuros *wrap around*.

Assopro a fumaça de cigarro e meu sorriso se desfaz
– Cláudio, meu dia tá sendo a maior baba de bode. Não tô com vontade de sair.
O sorriso dele se desfaz
– Ok. Desisto.
Ele desliga. Encaro os números e começo a rodar o disco. Paro.
Também desisto.
Volto à janela. Hoje a ida a Lua não é mais surpreendente.
Meus pequenos passos até você não mudaram a sua visão distorcida da humanidade.
Dou uma tragada e apago o cigarro.
Penso nos seus olhos castanhos. Fraquejo. Caio. Deito.
Derrotada.
Agora só tenho uma bandeira em mãos, ela é branca como nossa lua.
Consigo vê-la se afastando da janela da nave.

Soldado Desertor

Vento.

Vento frio atravessando meus cabelos. O cachorro late – foge de mim. Há algo distante talvez que ele consiga ver que não vejo.

Vento,

Vento frio queimando minhas mãos. A onda do mar bate na areia fofa da praia e recua. Foge de mim. Há algo distante talvez além da terra em que eu piso que eu não consiga alcançar.

Vento,

Frio.

Arrasta meus pensamentos. Tremo. Paro. Visto meu cardigã.

O cachorro para. Olha para trás. Late.

Ele se aproxima. A sombra me engole, estrangula. Me pega despercebida. Não consigo ver. É rápido demais – e foge de mim.



A qarota e o cão, Andrei Vasilenko (2007)

Vinho Branco Seco Suave

Ou vem tri louco me abraçar.

O ventríloquo bêbado tem a voz mais bonita
Ele canta suave sem o boneco em mãos
Seu sorriso contagia, suas lágrimas me infectam
O ventríloquo bêbado se torna mundano
Gosta de abusar das covinhas
E eu gosto dele

O ventríloquo bêbado solta seus pensamentos em alto e bom tom
Não mentes, não finge um disfarce
O ventríloquo, bêbado, enlouquece
Bate nas paredes e chora
Tudo que guarda para si explode em cena
O ventríloquo segura o bonequinho tão forte que suas palmas ardem

Garoto, é tão novo
Sinta
Grite
Beba mais,

ESCURO-ESCURO

Tentando se manter estática ela suspira ofegante entre os paletós. Se segurava contra a pequena abertura do armário no corredor do suíte, entre o quarto e o banheiro de sua madrastra.

– Vinte e oito, vinte e nove... trinta! Lá vou eu!

Sorria nervosa escondida no escuro. Possuía um pequeno campo de visão: a banheira bege com uma toalha amórfica repousada no canto e as cortinas de plástico com desenhos de flores que pareciam morcegos lúgubres na penumbra.

Os passos do irmão ainda distantes somados a sua respiração arfante eram os únicos sons transpondo o silêncio profundo da casa de madeira. Ela esperava tão angustiada e sapeca, queria dar uma bisbilhotada para fora do armário, mas não arriscaria ser vista.

Cada hora ela ouvia eles andando e chegando perto. Achavam todos rapidamente, menos ela.

Impaciente ela pensava em sair do esconderijo e se revelar. Era a única ainda escondida. Prestes a expor-se ouve os passos chegando mais perto, o piso de madeira estalando a cada pegada. Seu coração pulando do peito enquanto o banheiro era preenchido cada vez mais pelo escuro. Frenética, agarrava as mangas dos paletós de seu pai e enfiava suas unhas fundo no tecido. O escuro se aproximava lentamente até parar bem ao lado da fresta. Ela conseguia sentir a respiração dele do seu lado. Estava à beira de desmaiar de tanta ansiedade. Uma sombra pontuda arrasta-se dentro do armário tentando puxá-la pelo braço. Ouve um gemido grotesco. A menina

gruda na parede e força a boca fechada, sem respirar. As roupas do pai engolem seu rosto. Os cabides pressionam-na no pequeno espaço apertado. O chão se preenche de um líquido gosmento. Ela fecha os olhos, cerrando uma lagrima para fora de seu olho esquerdo.

O ser chega bem próximo. Aspira o perfume da garotinha, suga todo o ar do armário a vácuo. O rosto dela começa a se deformar, tornando-se líquido e seus braços são puxados para frente. Os paletós arranham seu corpo como lâminas. Seus dedos do pé derretem na gosma. Em pedaços ela vai sumindo. É tudo espaço vazio no escuro, escuro profundo do armário.

Tem que ser bom, garoto

São oito horas da manhã de domingo e o roçar de talheres com pratos acorda Malu. Ela boceja na cama espreguiçando seus pés delicados. Levanta e anda até a porta. Fred, seu filho mais novo resmunga com uma bandeja cheia nas mãos. Uvas verdes, café com canela, croissant recheado, iogurte, bolo, bacon – um banquete completo.

– Era para ser surpresa, mãe. *Na cama*. Vai lá e deita de novo, mulher.

Malu abre um sorriso felicíssima. Nem parece que o menino de frente a ela é seu Fred, o diabinho travesso que sempre foi. Volta para cama de ré enquanto o olha sem jeito.

– Pra que tudo isso, filho?

– Só um carinho para a mulher mais incrível da minha vida.

Malu senta com as pernas cruzadas estendidas e ele coloca a bandeja no seu colo. Senta do seu lado próximo aos seus pés e pega uma uva do cacho. Ela começa a comer também. Primeiro pega o iogurte ainda radiante pelo mimo. Nesse instante no entanto seu sorriso se desfaz. Ela sabia porque ele estava fazendo isso tudo.

– Não. A resposta ainda é não.

Ele a fita incompreendido.

- Não me olhe com essa cara de sonso, moleque. Eu não vou mudar de ideia.

Fred bufa e afaga o cabelo curto dela. Se levanta e dá um beijo na sua testa assentindo irritado antes de sair do quarto. Malu é deixada sozinha.

Não é que ela não confie nele, sabe? É só que ele sempre está matando as pessoas. Toda hora. Com todos os tipos de carro, todos os tipos de pessoa. É a única coisa que ela vê aquele

menino fazendo quando chega em casa da escola. Ele liga o joguinho e fica horas dirigindo pela cidade atropelando todo mundo. Parece até que tem tara por essa violência gratuita. E vai que tem mesmo? Todo mundo tem algum tipo de tara esquisita. Ela mesma tem suas fantasias sadomasoquistas.

Maria Lúcia toma um gole do café e lambe os lábios lentamente agora pensando nos seus devaneios sexuais. Quando ela tinha a idade de Fred ela gostava de homens mais velhos – másculos, que pegavam com força. Jogavam na parede. Homens maus. Suspira.

Encara o bando de comidinhas no seu colo e se sente mal-agraçada. Estava sendo irracional, seu filho não seria capaz de matar alguém – e se quisesse tanto não precisaria de uma carteira de motorista para isso.

– Fred!

Ele volta rapidamente.

– Sim?

– Me dá os papeis da autoescola que eu vou fazer os cheques.

O rapaz sorri e sai para pegar a papelada. A mãe pega um pedaço de bacon e devora-o. Lambe os dedos. Fred volta e fica parado encarando as mãos de Malu. A entrega os papeis e sai devagar para o seu quarto.

Na mesa do quarto do Frederico há um porta-retratos com ele e a melhor amiga dele, Carla. Atrás há outros; da mãe segurando-o no colo quando bebê, dele na formatura de seu irmão com ele ao seu lado de beca e do seu cachorro. No canto tem uma luminária e uma caneca vermelha cheia de canetas. Ele se senta e começa a escrever.

Você é muito linda. Eu já mencionei que você é tremendamente estupidamente formidável? Eu não consigo parar de encarar sua foto. Eu já vi ela tantas vezes... Porque não tenho mais?

Eu sou seu maior fã. Eu sinto calafrios quando te vejo. Amo seu rosto, seu sorriso forçado... Ah, é tão singelo esse contato de amor. Ninguém sabe de nós, apenas eu. Nosso relacionamento... Ele existe querida, ele está disfarçado mas eu sei que você sente-o também. Sei pelos carinhos, pela confiança, por se preocupar. É errado, mas não tem problema. Eu vou te fazer bem, vou ser o bom garoto que você quer.

Eu realmente não consigo controlar esses meus pensamentos obsessivos.

E você já tem ele. Prefere ele a mim. Ele te controla, te rodeia, parece um satélite em órbita. Um chiclete. Um acessório. Ele não te merece. Eu não aguento mais, donzela. Preciso de ti.

Fred para de escrever e encara o porta retratos de Carla. Coloca-o em cima do texto virado para baixo.

Ele se levanta e entra no banho. Enquanto a água quente escorre no seu corpo, Malu entra no quarto com os cheques em mão. Os coloca na mesa do garoto e percebe o porta retratos tombado. Ajeita-o e repara no texto. Olha para os dois lados para se certificar que ninguém está por perto. Mordisca o lábio inferior. Coloca o cabelo para trás da orelha e começa a ler transgredindo a privacidade do filho.

Suspira. Será que ela estava fazendo certo matriculando o garoto na autoescola? Ele poderia a qualquer momento explodir por causa do namorado da Carla. Bem que ela sempre suspeitou da amizade dos dois. Ontem mesmo ela assistiu aquele filme terrível que o menino que levou arcos e flechas para escola matou todo mundo. O garoto era um completo maníaco. Maria Lúcia tinha um irmão esquizofrênico, leu na internet um tempo atrás que quando um familiar tem alguma dessas doenças mentais seus parentes tem predisposição para ter. Seu filho mais velho, Fernando, era um

prodígio. Casado, formado em engenharia, independente – se fosse para um dos filhos de Malu ser louco certamente seria Frederico. Ele era meio estranho.

O barulho de água corrente se interrompe. Malu escuta a parede de vidro do box arrastando e sai do quarto discretamente. Vai até a cozinha e começa a preparar o almoço se perdendo no tempo.

Horas depois, a campainha toca.

- Frederico! Atende pra mim?

O menino recebe as amigas da mãe enquanto ela tira as travessas de comida do forno. "Encantador", "educado" e "charmoso" são adjetivos usados pelas quarentonas para descrever o rapaz ao longo do almoço todo.

Orgulhosa, Malu proclama: – Aí filho, sempre seja assim, um bom garoto. – Por um momento duvida de suas neuras. Frederico enrubescce emocionado e abraça a mãe. Todas as outras mulheres fervem de inveja da amiga. Ela criou um filho maravilhoso.

– E o Manu? - Sílvia pergunta estragando o momento da amiga.

– O Manuel não está aqui hoje. Ele tinha compromissos mais importantes de trabalho. Sim, em um domingo. Ele é muito ocupado. É, mas estamos bem. Ele deve chegar mais tarde.

– Que pena – sibila Sílvia como a cobra que é.

Fred lança-lhes um olhar de desgosto e sobe para o quarto. Deita e dorme até acordar com barulhos de gritaria. Sabe que pai chegou.

Furioso o menino corre até a garagem. Pega nas mãos uma pá de metal enferrujada. Manuel entra na garagem com as chaves do carro em mãos. Quase dá um pulo de susto ao ver o filho.

- Que isso, moleque?

Fred se aproxima e acerta o pai com uma pancada na cabeça.

- Você não merece ela.

Com o peito erguido corre até o quarto da mãe. Está tudo jogado e pelo corredor passa por cacos de vidro. Malu está com o olho roxo de porrada do pai chorando sentada no chão. Ele a abraça.

– Eu tenho uma surpresa pra você mamãe

Ele a entrega as chaves do carro e a ajuda a levantar. Sem questionar, ela soluça nos braços dele. Com os olhos embaçados Maria Lúcia vê seu marido ensanguentado atrás do carro. Perplexa, Maria Lúcia arranca as chaves das mãos do menino.

– Vai donzela, eu fiz isso por você. Fala que eu sou um bom garoto.

Frederico se inclina e beija os lábios de Maria Lúcia.

Pois é, todo mundo tem algum tipo de tara esquisita.

O tempo no elevador

– Para que andar?

– Vigésimo Sétimo.

– ...

– Obrigada

– De nada.

– ...

– Tá frio, né?

– É

– Pois é.

– ...

– ...

– Ué, você sabe o que aconteceu?

– Acho que o elevador emperrou.

– !

– Alô? Boa tarde Gilberto. Aqui é o Jorge do 2502 eu tô com a...

– Madre Tolentina, 2705

– Madre Tolentina, isso do 2705. Sim. Estamos presos aqui... Ok. Obrigado.

– O Gilberto falou que que está ligando para os bombeiros agora, mas provavelmente vamos ficar aqui umas duas horas.

Suspiros.

Silêncio.

Jorge olha seu relógio de pulso. Madre Tolentina ajeita seus paramentos. Jorge desliza suas costas na parede do elevador, se senta no chão. Tira o celular do bolso e começa a assistir à vídeos no facebook. Madre Tolentina espia a tela.

... Pareee terráqueo! Eu sou Zork do planeta Zion e vim invadir a terra! Me leve ao seu líder! ... Tá, é, eu vou chamar alguém aqui ...

*Largue a sua arma! ... Não! Isso não é arma não ... Larga! ... Para, não! Solta esse estilingue...*¹

Gargalhadas.

– Nossa, eu tô sempre encontrando cada pessoa louca que acredita em aliens lá no bar.

– Magina. É um absurdo.

– No dia 21, ano passado, lembra que diziam que ia acabar o mundo? Um dia antes o bar lotou de doido. No final da noite tava todo mundo completamente mamado se lamentando da invasão alienígena.

– Não era meteoro?

– Pois é. Nem lembro.

– ...

– Ah, mas é engraçado. O que você faria numa invasão alienígena?

– Não existe extraterrestres...

– Mas e se existisse?

– Só nós somos o espelho de Deus nosso senhor.

– Sim, senhora, mas não estou especulando. Só jogando papo fora.

– ...

– Eu acho que eu iria tentar fazer amizade, sabe? Nada como uma cervejinha para integrar as galáxias.

– ...

– Você já bebeu cerveja?

– Não.

– Ah, tá explicado.

– ...

– Eu queria conhecer outros mundos. Fazer uma viagem sem gravidade.

– Hum...

– Vai me dizer que acha que a terra é quadrada também?

Madre Tolentina disca o interfone.

– Alô? Sim, já tá chegando? Ah, obrigada. Deus te abençoe.

– ...

– ...

– Você nunca pensou que alguém que você conhece pode secretamente ser um alien disfarçado?

– Não.

– Eu tinha um amigo muito estranho. Olhos sinistros, pareciam que me atravessavam. Que nem os teus. São tão azuis

– Hum.

– São bonitos, Madre Tolentina.

– Obrigada...

– Desde que moro aqui nunca tinha te visto antes. Você mora aqui?

– Sim

– Ahhh, safadinha. Tava com quem essa noite?

– ...

– Tá, desculpa. Isso foi inapropriado.

– ...

– Tá frio, né?

– É

– Pois é.

A porta do elevador abre.

– Estão bem?

Os dois assentem, agradecem e se despedem. A vida continua.

¹Alien, Porta dos Fundos (2015)

Fantasiando

Foi em uma festa, assim daquelas tuts-tuts com luz piscante e fumaça branca com gosto doce. Ela veio vindo dançando, passando os dedos no cabelo sedoso, lambendo os lábios rosados, rebolando até o chão o tutu verde.

Eu fiquei parado, esperando ela vir – olhando fixamente nos olhos para não perder a presa. E ela foi vindo, vindo lentamente sensualizando, me atiçando.

A envolvo firme com minha calda rugosa e solto um bufo fegoso. Ela assopra um pó brilhoso na minha cabeça.

- Sininho?

- Como você sabe?

- Tô te observando a noite inteira, linda.

Ela solta uma risada sem graça.

- O que você faz?

- Artes Visuais e tu?

- Engenharia Ambiental.

- Hum.

Me aproximo dela. Passo meus cascos nos ombros rosados da fada, dançamos juntos. Levo meu focinho aos seus lábios. A beijo. Sinto um gosto purpurina.

Ela me conduz com a ponta dos dedos delicados até o banheiro. O chão todo cheio de uma lama paposa misturada com vodca. Me exprimo conta a privada e fechamos a porta de plástico toda cheia de rabiscos.

Lambo seu pescoço, ela arranha minhas rugas. Batemos as asas de excitação. Arranco o tutu e assopro calor no umbigo dela. Ela geme segurando minhas orelhas. Passo meu casco pelas costas dela. Pela bunda. Pelas cochas. Pelos pés.

Mordo os dedos dos pés dela. Queimo eles.

O fogo nos consome. Me jogo para trás e caio na privada molhando tudo. Puxo ela para o meu colo. Ela é tão pequena que consigo apoia-la de pé sobre meus joelhos.

Ela me pisoteia com força fazendo alguma magia. Enlouqueço. Tiro do bolso uma sacola plástica e me visto. Ela solta uma gargalhada bêbada e chupa meus cotovelos. Aperto sua testa. Pela fresta da porta vejo um anão nos observando. Ele segura em suas mãos um sorvete de bolas azuis. Babo no cabelo da fada. Urramos de prazer uma mistura de fogo com brilho mágico no ar. O anão encara e olho fundo nos olhos dele me perdendo nas curvas do bigode dele. Vejo tudo como em um caleidoscópio. A fada, nossas asas intercaladas, o anão, o sorvete.

Começo a sentir o fim chegando, me seguro no papel higiênico para não morrer.

Gozamos.

Ela explode brilho para todo lado.

Cambaleamos de volta para festa. Cada um voa para o seu canto.

Chegando em casa, tiro a fantasia.

Janela Indiscreta

– Como você está se sentindo hoje, Miguel?

É uma imensidão profunda. Não parece ter horizonte. É sufocante, sabe? Denso. Úmido. Parece que estou dentro de uma caverna escura. Perdido. Desolado. É como se eu estivesse em alto mar, sozinho, num barquinho de vela.

Por mais que eu contorne a situação eu volto e volto sem parar para o mesmo lugar. Encontro as mesmas pessoas num loop infinito.

Minha vida rodeia como um paradoxo sem saída. Sem perspectivas. É um labirinto!

Eles me flitam sem parar com aqueles olhos apagados. Os rostos distantes, borrados. São deformados. Assustadores. Atrás deles não consigo ver nada. Só fumaça. Vermelho. Azul.

Ela ri de mim. Zomba. Com seu topete louro pra cima. Aquela pinta na bochecha – desprezível. Mulher desprezível. Ela nunca iria querer um garoto como eu. Essas bocas carnudas cheias de batom...

Dentes perfeitos. Me irrita. Eu a detesto. Detesto a todos. TODOS. TODOS VOCÊS. Especialmente os elefantes com trombas de trombones. É um peixe que come um tigre um tigre que come outro que me come me morde ruge. Rawrrrr. Ruge bravo. Me destrói.

Eu nado em sopas de tomate. Tomate porque mamãe falou que eu cheirava mal. Cheiro a gambá – tratam fedor de gambá com chá de tomate mas não funciona não, não funciona.

Eu grito em socorro. Berro e ninguém me ouve. Grito assim.

AHHHHHHHHHHHHHHHHH! Não, não paro de gritar

AHHHHHHHHHHHHHHH! Eu preciso de ajuda. Eu grito até parar de sentir ar no meu cérebro. Doí.

Doí tanto. Doí mais ter que escrever na escola. Escrevo sem parar e escrevo nas minhas mãos em cima de tudo, rabisco.

Chega uma tempestade e me derruba. Me confronta. Minha vida é uma tempestade tempestuosa. Ondas pra todos os lados me abafam. Coca-cola. Micheal Jackson. Mikey Mouse. Banana. BANANA. Tá calor. Derrete tudo. Tudo derrete. Até o tempo derrete. Frita ovos.

É pássaro que vira peixe, peixe que vira pássaro não dá pra saber quem come quem, quem...

Ela matou o marido. Tem sangue na cama. Não tem brilho nos olhos. É tudo opaco.

É tão escuro... Vazio.

– Miguel, para de me enrolar. Eu não vou te dar tarja preta para você misturar com álcool de novo. Eu tô vendo você olhando a galeria de arte. Como você está se sentindo hoje, de verdade, Miguel?

– Decepcionado.

Márcio

No buraco negro,

O Deus safadinho

Quer vadias, homéricos alienígenas, vacas de confete

Sem cuspe.

No banheiro,

o diabo persuade uma senhora

Sexualmente

A Anna mimeografa tudo:

A pedra nunca viu o meio do caminho.

Roteiro: Aliens ou travessuras?

CENA 1 EXT. - QUADRA DA ESCOLA - NOITE

CLARA (16) uma menina baixinha e graciosa; AMANDA (17) alta de cabelo liso e HENRIQUE (17) baixo de cabelo enrolado, cheio de espinhas sentam em roda com apenas a luz da lanterna nas mãos de Henrique iluminando-os

HENRIQUE
Meninas, tenho notícias intrigantes para falar para vocês.

Henrique aponta a luz para seu rosto como quem conta histórias de terror.

HENRIQUE
(baixinho)
Ontem quando eu estava indo para a academia vi um senhor pedindo dinheiro na rua. Quando olhei nos olhos dele, a cor deles mudou. Isso me incomodou muito, e quando cheguei em casa vi a notícia sobre o meteoro...

AMANDA
Como assim a cor mudou?

HENRIQUE
Sei lá, eram escuros e depois ficaram azuis.

AMANDA
Atá Henrique.

HENRIQUE

É sério!

CLARA
Que meteoro?

AMANDA
Meu deus menina, você é muito desligada, ein? Ontem caiu um meteoro numa fazenda aí de um cara lá.

Clara arregala os olhos. Rói as unhas.

AMANDA
Não é possível você estar com medo.

HENRIQUE
Você conhece a Clara...

AMANDA
Se acalma Clara, no máximo um alien invade a terra e se espanta com como tá tudo destruído aqui e vai embora.

HENRIQUE
Ou nos devora um por um... Até que não sobre mais... BU!

Clara leva o susto. Os amigos riem.

AMANDA
Aí Clarinha, vamos embora, vai.

Os três se levantam.

(CONTINUA...)

...CONTINUANDO:

CENA 2 INT. - QUARTO DA CLARA - NOITE

Clara está despojada sobre seu pufe com apostilas na mão e a televisão ligada. Passa Wall-e no fundo.

Um chiado interrompe o filme. Clara olha para a TV.

Uma ALIENIGENA com fisionomia humana de mulher (37) de cabelos presos e olhos azuis aparece na tela.

ALIEN
Clara,

A garota rói as unhas atenta a tela. Recolhe suas pernas abraçando-as

ALIEN
(sussurando)
Já estamos aqui. Não tenha medo,
nós viemos em paz.

Os chiados tomam conta da imagem na tela e o filme volta a passar.

Clara procura o celular na sua mesa de cabeceira ao seu lado. Ele cai no chão e a bateria abre, escorregando para debaixo da cama.

CLARA
MÃE! MÃEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE!

Passos na escada. Barulhos estranhos de respiração. Clara olha pela janela com as braços se abraçando. Respira ofegante.

MÃE
(voz rouca)
Clara?

Clara olha pela janela de novo. Nota que a garagem está vazia.

CLARA
(sussuro)
Cadê o carro?

Passos se aproximam no corredor. Clara abre a janela, coloca suas pernas na base, sentando na janela. Pula-a.

MÃE
(voz rouca)
Garotinha?

Clara sai correndo pela rua desesperada.

Para no meio da rua e ofega alto. Uma luz forte vem se aproximando dos olhos dela. Clara cai de joelhos no chão e começa a chorar.

O carro para. Sua MÃE (42) sai do carro e a ajuda a levantar. À Abraça.

MÃE
O que está acontecendo filha?
Porque você tá correndo no meio da rua?

(CONTINUA...)

...CONTINUANDO:

CLARA
(soluçando)
Você não tava em casa e-e-e- eu
ouvi eu-eu-eu

MÃE
Calma.

As duas entram no carro.

MÃE
Filha, você tomou seus remédios?

Clara não responde. O carro segue até a garagem.

CENA 3 INT. - HOSPITAL - DIA

Clara está sentada em uma mesa redonda vestida de
jalecos claros. Ela olha para o nada com um livro em
mãos.

ALIEN (V.O.)
Clara.

A menina tapa os ouvidos

ALIEN (V.O.)
Eu estou aqui.

Ela começa a gritar.

Médicos a seguram no lugar. Uma enfermeira aplica uma
seringa no seu braço.

Clara olha a enfermeira. Ela é igual a mulher que
apareceu na sua televisão.

Clara desmaia.

CENA 4 EXT. - QUADRA DA ESCOLA - NOITE

Amanda e Henrique fumam.

HENRIQUE
Acho que fomos longe demais
atormentando a Clara.

AMANDA
Não acredito que ela acreditou
naquele vídeo...

Uma luz forte consome a tela. Barulhos estranhos.

AMANDA
O que diabos é isso Henrique?
HENRIQUE
Acho que nosso Deus ex-machina.

Agradecimentos

(Uma pequena puxada de saco)

Márcio Markendorf, ilustre professor. Sem ele esse portfolio não existiria.

Bernardo Castello, por sempre me motivar – e as vezes até obrigar – a escrever.

Todos os colegas do CMA5821-B que encheram minhas sextas-feiras de histórias para contar.

E ao Charles, meu gatinho que passou por todo o meu processo criativo mordiscando o cabo do meu computador ao meu lado.